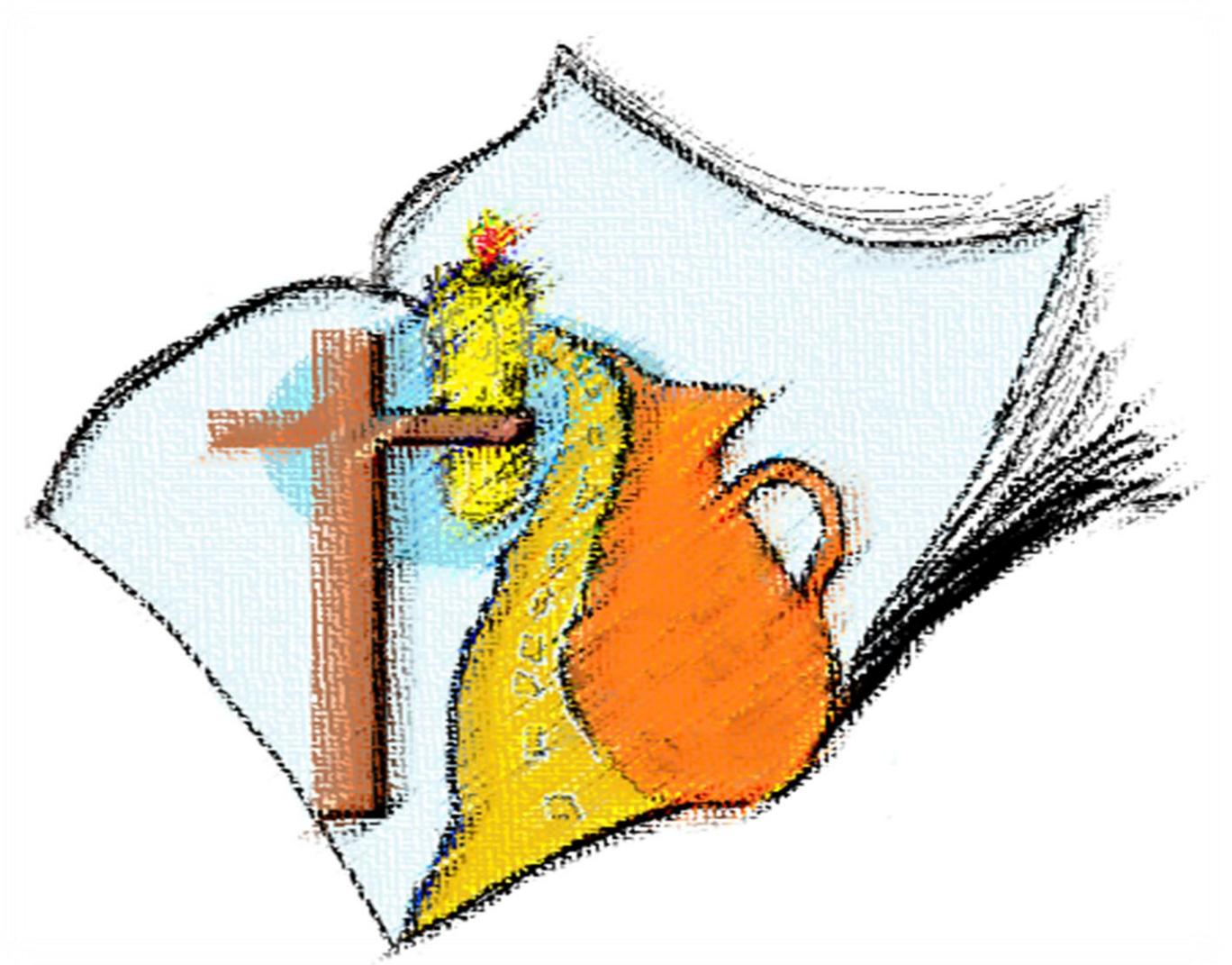


Pe. GERALDO RAIMUNDO PEREIRA

# O ROSTO DA NOSSA ESCOLA DE CATEQUESE



SÃO PAULO  
2012



## Mística: o rosto da nossa escola de catequese

Olhando os caminhos percorridos pela evangelização, percebemos variadas formas de anúncio da Boa Nova. Nesta caminhada a Catequese sempre esteve presente na educação da fé. Os tempos fizeram a catequese marcar mudanças e neste contexto podemos observar quatro fases com características próprias.

### 1º CATEQUESE - INICIAÇÃO À FÉ E À VIDA COMUNITÁRIA (tempo dos apóstolos)

Foi o período do anúncio do evangelho feito pelos apóstolos. Despertava para o seguimento de Jesus Cristo, como processo de conversão; vivência fraterna na comunidade; celebração litúrgica centrada na partilha da Palavra e do Pão e no cuidado com a vida de todos os necessitados. Era uma catequese que conjugava a vida com a experiência de fé.

### 2º CATEQUESE - IMERSÃO NA CRISTANDADE (mais ou menos do século V ao séc. XVI)

Toda a pessoa que nascia nesta sociedade já mergulhava na vida cristã. Não existia outra prática de fé reconhecida, senão a religião cristão. Aquilo tudo contribuía para a vivência religiosa: costumes, arte, música, devoções... A pergunta principal era: *O que devo fazer para alcançar a vida eterna?*

- \* A fé estava ligada aos deveres cristãos;
- \* vivência cristã individualista e pouco comunitária;
- \* a catequese deixa de ser voltada à Palavra de Deus e perde sua força missionária;
- \* a vida cotidiana se mistura com a fé, porém sem muito compromisso transformador;
- \* o Batismo de crianças se generaliza e a catequese de adultos deixa de existir;
- \* a família, a pregação, a oração... eram responsáveis pela catequese.

### 3º CATEQUESE POR INSTRUÇÃO (A partir do séc. XVI até o Vaticano II).

O cristianismo desse tempo se tornou enfraquecido, frente a uma vivência de fé sobre atos secundários: devoções, confrarias, procissões e sustentada por uma ignorância religiosa. Foi, também, um tempo de grandes acontecimentos como: a Reforma Protestante, Concílio de Trento, descoberta da imprensa, ocupação das terras latino-americanas, difusão das escolas, mudanças no modo de pensar,...

Para fazer frente às exigências desse tempo, a catequese utilizava-se do catecismo, que se tornou o principal instrumento da difusão da fé. A catequese passou a chamar-se de doutrina. Assim a catequese sai da família e da igreja para ir ao meio escolar, como ensino obrigatório.

1. O melhor cristão era aquele que mais sabia sobre religião e não aquele que se comprometia com a vida e a vivência da fé.
2. A atenção era dada as crianças e não aos adultos.
3. O importante era a fidelidade às fórmulas valorizando a exatidão e a clareza do ensino doutrinal.
4. O catecismo tornou-se um referencial de segurança sobre as questões de fé.

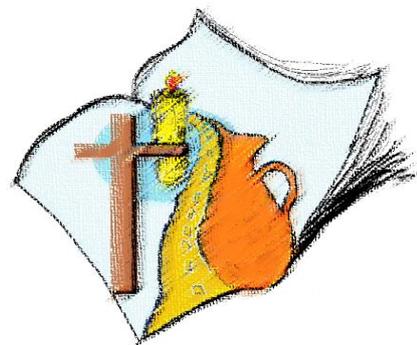
4º CATEQUESE - EDUCAÇÃO PARA A FÉ E A VIDA (A partir do Vaticano II até os nossos dias)

Frente a uma Catequese racional, fria, abstrata, centrada nas fórmulas, era preciso voltar às fontes e apresenta-la com um novo rosto adequado para os nossos tempos. Com o Vaticano II, a Igreja abre suas portas para o novo e renova sua presença no mundo como sinal do Reino.

Em 1983, no Brasil, a catequese ganha um grande impulso com o documento da CNBB n.º 26 “Catequese Renovada”, Orientações e conteúdos. Nele se define a prática catequética: “A catequese é um processo de educação comunitária, permanente, progressiva, ordenada, orgânica e sistemática da Fé”.

Sua finalidade é a maturidade da fé, num compromisso pessoal e comunitário de libertação integral, que deve acontecer já aqui e culminar no Reino definitivo (CR 318). Suas características principais:

- Leva em consideração a pessoa e a comunidade;
- A Bíblia é o livro fonte;
- O adulto é o principal destinatário;
- Centralizada no segmento de Jesus Cristo;
- Privilegia a opção pelos pobres.



A catequese é elemento fundamental e constitutivo da Igreja e, portanto, para toda a Igreja e para todos (DGC 218).

## O EUNUCO ETÍOPE (At 8,26-40) E A NOSSA ESCOLA DE CATEQUESE

O eunuco etíope é um homem cujo nome nós não sabemos. Sua conversão abrange quinze versos da Escritura e nunca mais é mencionado. Contudo, por causa dos detalhes revelados sobre a sua salvação, é um homem muito importante. Um eunuco era um escravo, preparado desde a infância ou juventude para ser um servo por toda sua vida. Este eunuco era o tesoureiro da Etiópia, uma posição de prestígio, sob o reinado da rainha Candace. Era certamente um homem bem educado e também muito religioso, pois viajou centenas de milhas através de montanhas e desertos para adorar em Jerusalém. Apesar de ter adorado na mais solene cerimônia judaica do ano, seu coração estava vazio e destituído de paz, sentando-se em sua carruagem, **procurou as Escrituras em busca de um raio de esperança** para sua pobre alma perdida.

Claro que foi Deus quem fez o sentir seu coração vazio e lhe mostrou que **tinha uma necessidade profunda**. Sem dúvida o eunuco sentiu sua profunda de encontrar-se como pessoa.

O episódio do encontro de Filipe com o eunuco etíope, narrado pelos Atos dos Apóstolos, começa mostrando um primeiro passo importante que é a necessidade de “conhecer” a Sagrada Escritura e “interpretar a Palavra”. Percebe-se claramente no texto que o eunuco quis conhecer a Sagrada Escritura e Filipe foi chamado a interpretá-la.

Quando Felipe foi até o eunuco, encontrou-o lendo o livro de Isaías, capítulo 53. Perguntou-lhe se entendia e o eunuco admitiu que precisava de alguém para auxiliá-lo em explicar o texto. É isso que é catequizar. Felipe subiu em sua carruagem e, a partir daquele capítulo mesmo, anunciou-lhe Jesus.

A sagrada Escritura é o livro por excelência do catequista, portanto se faz necessário que o catequista descubra a revelação de Deus. Neste encontro do eunuco com Felipe, nasce o rosto de nossa escola. Ela começa a surgir como caminho para o conhecimento.

Conhecer e interpretar a Palavra de Deus, buscar os ensinamentos da Igreja, a pessoa humana e suas dimensões, isto é, descobrir-se como pessoa capaz do ser, do saber e do saber-fazer.

O episódio do encontro de Filipe com o eunuco etíope, estabelece, a partir do anúncio de Jesus, a comunhão com Ele, a partir da oração com a Palavra.

Narra-se: *Então Filipe começou a falar e, partindo dessa passagem da Escritura, anunciou-lhe Jesus. Eles prosseguiram o caminho e chegaram a um lugar onde havia água.*

*Então o eunuco disse a Filipe: 'Aqui temos água. Que impede que eu seja batizado?'. Os dois desceram para a água e Filipe batizou o eunuco (At, 8,35-38).*

O texto apresenta claramente que graças à interpretação da Sagrada Escritura feita por Filipe, a Palavra leva o etíope à sua adesão de fé em Jesus Cristo; conhece e interpreta o texto de tal modo que o guia ao encontro pessoal com Jesus Cristo, enquanto Palavra salvadora de Deus; celebra a fé, recebendo o Batismo, tornando possível a alegria da salvação.

Seguindo os passos da Animação Bíblica da Pastoral que “*é ajudar a perceber e vivenciar a revelação do mistério de Deus e do homem (Palavra de Deus), presente na Sagrada Escritura, mediante a comunhão e o diálogo permanente com o próprio Jesus Cristo, a revelação divina em plenitude*”, nossa escola vai ganhando agora um corpo.

“Na base de toda a espiritualidade cristã autêntica e viva, está a Palavra de Deus anunciada, acolhida, celebrada e meditada na Igreja” (VD 121).

A escola de catequese do nosso regional precisa de uma marca, um rosto, assim como acontece com organizações bastantes serias. Veja bem, o que não tem rosto, não tem identidade, não tem fisionomia. Não é mania nem fanatismo, é um recurso bem humano de dar rosto ao que fazemos. Nossa escola precisa marcar, fincar-se no chão da história da catequese, precisa entusiasmar, numa linguagem bem popular, precisa “causar”. Sabe porque? Ninguém se entusiasma por uma coisa que não tem rosto, uma fisionomia.

Mística da escola de catequese não tem muito a ver com sentido espiritualista ou contemplativo de Deus, de seu mistério, mas no sentido de espírito que anima o projeto de vida, pessoal ou grupal. Essa mística determina os objetivos, os princípios, a metodologia, as relações humanas de nossa escola regional. É ele que aponta a direção para onde se caminha. É a mística que ajuda a atingir com segurança o objetivo traçado pela escola.

O que pretendemos com esta escola? Ser um caminho formativo do discípulo missionário. O catequista é um discípulo missionário. Olhando para o texto de Felipe e o eunuco etíope (At 8,26-40), percebemos claramente que Felipe é a figura do catequista e o eunuco, alguém em busca do encontro com Deus. Felipe anuncia Jesus, a Palavra de Deus ganha voz em Felipe. É Deus quem fala na nossa voz. Sabe por que isso acontece? Porque o verdadeiro Catequista tem:

- Na cabeça a fé no valor da dignidade humana.
- Nos olhos: A capacidade de enxergar a presença de Deus na realidade.
- Nos ouvidos: A escuta respeitosa e atenta.

- Na boca: O sorriso da alegria e da esperança.
- Nas mãos: A disponibilidade solidária e a partilha generosa.
- Nos pés: A coragem de desinstalar-se e sair, por fidelidade ao Evangelho.
- No coração: O amor e o compromisso pela vida, adesão e seguimento a Cristo vivo.

Podemos dizer que encontramos a nossa mística, o nosso rosto. Temos um texto bíblico para nos iluminar, um objetivo para ser alcançado e um lema para seguir. Veja como fica a nossa marca, o nosso rosto:

Tema: Caminho para o Discipulado Missionário

Lema: Fala Senhor na nossa voz. (At 8, 26-40).

Vamos assumir esta mística, ela é a luz que iluminará toda caminhada de formação. A mística vivida em comunidade desperta entusiasmo e capacidade para superar as barreiras. Ela une forças, sem anular as pessoas e os projetos pessoais válidos. A mística deve marcar a escola, os catequistas e os professores.

Vamos cantar:

a) *Ref.: Aleluia, aleluia, aleluia! Jesus Cristo vai falar!  
Aleluia, aleluia! Ide pelo mundo o Evangelho anunciar!*  
Mas como invocarão aquele em quem não creram,  
E como podem crer se ainda não ouviram,  
E como podem ouvir se não houver quem pregue,  
E como pregarão se não forem enviados?



b) *Vejam, fui além das fronteiras, espalhei boa-nova: todos filhos de Deus ! Vida, não se deixe nas beiras, quem quiser maior prova: venha ser um dos meus!*

*Ref.: Por onde formos também nós que brilhe a tua luz! Fala Senhor na nossa voz, em nossa vida. Nosso caminho então conduz, queremos ser assim! Que o pão da vida nos revigore no nosso "sim".*

*Que o Senhor da vida, realize em nós o milagre da multiplicação de nossos esforços no serviço da Catequese.*

Vamos concluir este momento com esta oração, fazendo seu um dos símbolos.

Senhor faça de mim um catequista:

- Agua: que faz crescer a vida, através de tua Palavra;

- Ponte: capaz de unir distâncias, separações, desencontros, desafetos, trazendo alegria no viver.
- Caminho: que aponta para mais esperança, coragem e confiança diante dos desafios da sociedade.
- Porta: que abre passagens para os excluídos encontrarem mais dignidade;
- Luz: capaz de iluminar as situações humanas, para descobrir nelas o teu rosto;
- Sal: que possa dar gosto e sabor a todos os chamados da catequese;
- Perfume: capaz de exalar a ternura, a bondade, a amizade, nos diversos ambientes de convivência;

## **Bibliografia**

- Bíblia de Jerusalém - revista e atualizada- São Paulo: Paulus, 2002.
- PAPA BENTO XVI. Exortação Apostólica *Verbum Domini* - São Paulo: Paulinas 2010.
- CNBB Doc. 26 - *Catequese Renovada –orientação e conteúdo –* 1983.
- CONGREGAÇÃO PARA O CLERO - *Diretório Geral para a catequese* - 5ª ed. - São Paulo: Paulinas, 2009.
- CNBB Doc. 84 - *Diretório Nacional de Catequese* - 10ª ed. - São Paulo: Paulinas, 2011.
- CNBB Doc. 50 - *Formação dos Catequistas*. Paulinas, São Paulo 1990.
- CNBB Doc. 95- *Ministério do Catequista*. 2 ed. São Paulo: Paulus, 2008
- CNBB Doc. Instrumento de estudo, *Escolas Catequéticas- Orientações*.apostila-pp 6-7. 2012
- CADERNOS CATEQUÉTICOS. “*Espiritualidade do Catequista*”. São Paulo: Palcos, 1998.
- DIOCESE DE OSASCO. *Espiritualidade do Catequista: caminho, formação, vida na missão catequética*. São Paulo: Paulus.
- CRUZ, Terezinha Motta Lima. *Este Mundo de Deus: educar para a espiritualidade do cotidiano*. São Paulo: Paulus, 1999.